

mM/F.179
Raro

CARTA PASTORAL DE SAUDAÇÃO



Handwritten:
mM
1799
RARO

DOM ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS

Bispo do Amazonas

Manaus

A todos os queridos diocesanos
Saudação, Paz e Bênção na caridade de Cristo

Não é para dissertações teológicas que vos dirigimos esta mensagem de saudação. Nossas palavras não encerram uma tese nem sequer um programa de governo. Porque só se pode gisar um plano de ação quando já se tem pleno conhecimento do meio e das circunstâncias em que se vai exercer uma função.

Arrancado aos labores sacerdotais na Arquidiocese de Belém, envia-nos a Providência para uma região semelhante, encravada no vale amazônico, com os mesmos problemas a enfrentar, com as mesmas características de ambiente, cultura, clima, formação intelectual e religiosa.

Baseado tão sómente na pequena experiência que nos fornece o facto de sermos também amazônida, é que nos atrevemos a expôr alguns princípios de orientação para o pastoreio das almas que vamos iniciar na grande diocese do Amazonas, «de cujas possibilidades e de cujo futuro grandioso jamais duvidamos» (1)

Sejam nossos primeiros vocábulos de incondicional obediência à Santa Sé Apostólica. Fonte inesgotável da Verdade, custódia insigne da Doutrina, intérprete legítima

(1) — Dom João da Matha Andrade e Amaral, Carta Pastoral de Saudação aos seus Diocesanos de Niterói, p. 9

e autêntica das Sagradas Escrituras, legisladora e administradora do secular acervo do Cristianismo, na Cátedra de Pedro encontraremos sempre o apoio de nossas convicções e o sentido de nossas decisões.

Escolhido pela autoridade pontificia para Pastor da grei amazonense, queremos ser, haveremos de ser (assim o confiamos) o delegado fiel do Vigário de Cristo para ensinar, governar e santificar, com as luzes do Espírito Santo e pelas normas canônicas e apostólicas.

Tal a razão de nosso lema SEMPER INHAERERE MANDATIS que tanto nos impressionou desde quando, ainda no Seminário Menor, começamos a manusear o Missal para melhor participarmos do Santo Sacrifício do Altar. Nas orações preparatórias para a comunhão, pedem celebrante e fiéis a libertação dos próprios pecados e de todo o mal, a graça de observar os mandamentos e a união inseparável com o Cristo: « ... libera me per hoc sacrosanctum Corpus et Sanguinem tuum ab omnibus iniquitatibus meis et universis malis: et fac me tuis semper inhaerere mandatis, et a te numquam separari permittas ». (2) Foi desse precioso texto litúrgico que extraímos o lema de nossas Armas, significando não apenas a simples observância dos Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja mas a obediência filial e serena aos mais simples desejos do Vigário de Cristo. INHAERERE. Mais do que obediência. Adesão ao sentir da Igreja, união perfeita, consonância total, palpitação orgânica do Corpo Místico, inerência.

SEMPER. Mesmo quando as decisões ou orientações da Santa Sé não vierem ao sabor de nosso ponto de vista pessoal.

MANDATIS. Adesão e obediência às normas pontificias, em seu sentido cristalino, sem recurso a interpreta-

(2) — Missale Romanum. Canon Missae.

ções capciosas e sem subterfúgios. Longe de nossa Diocese e de nossa orientação as conhecidas desculpas: «Isto não se pode realizar no Brasil ...» «O Santo Padre não conhece a nossa situação ...» e quejandas maneiras de fugir à obediência, que, no dizer de G. Thils, é «antes de tudo a expressão do sentido social eclesiástico, o reconhecimento da unidade hierárquica do Corpo de Cristo». (3)

Depondo nossos sinceros propósitos de filial submissão aos preceitos e diretrizes do Santo Padre o Papa Pio XII, saudamos também respeitosamente o digno representante da Santa Sé em terras brasileiras, o Exmo e Revmo. Sr. Dom Carlos Chiarlo, Núncio Apostólico, que benevolmente nos encorajou e nos orientou ao sermos escolhido para o munus episcopal.

Dom José Lourenço da Costa Aguiar, primeiro bispo do Amazonas, cujo centenário de nascimento o Brasil católico celebrou não há muito (4), em sua «Carta Pastoral de inauguração da Diocese e Programa de Governo» firmou as bases de sua abençoada administração, «calcando-a pelo molde apostólico» na consideração do «doutrinação do Divino Mestre, tripartido em escolas bem distintas e acentuadas:

- I) — Escola para os Apóstolos, em número de doze.
- II) — Escola para os setenta discípulos.
- III) — Escola para o público, sem acepção de pessoas nem exclusão de nacionalidade. »

Volvidos os tempos, decorrido já meio século, nos fastos da Diocese, o 6.º bispo de Manaus vem seguir o mesmo roteiro, vem concentrar as suas preocupações — o que vale dizer a sua afeição mais profunda — nesses

(3) — Le Clergé Diocésain, I — Doctrine — p. 83

(4) — 9 de Agosto de 1947

três sectores: Clero, Seminário e Apostolado Leigo.

Esse o motivo porque, em nosso braço de armas, a simbolizar a mesma inerência do lema «Semper inhaerere mandatis», na cruz monogramática de Cristo, rubra pelo Sangue Redentor e plantada sobre a terra verde e as águas negras ou barrentas dos caudalosos rios de nossa Diocese, estão enxertados dois ramos que se expandem para o alto, ramos que significam a Ação Sacerdotal e a Ação Católica. Nossa atividade de Pastor, alimentada pela seiva haurida no tronco — que é Cristo — tem de contar infalivelmente com a colaboração do Clero e do futuro Clero e com a participação dos leigos em nosso apostolado hierárquico.

Bispo, sacerdotes e fiéis nada poderão realizar se não permanecerem unidos a Cristo. «Permanecei em mim e eu em vós — disse Jesus. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim nem vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós os ramos; quem permanecer em mim e eu nêlo, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. (5)

(5) — S. João, XV, 4-5

AÇÃO SACERDOTAL

Tratemos, sem delongas, daquela primeira escola a que se referia Dom José Lourenço, a quem coube lançar os alicerces e erguer a estruturação católica da diocese amazonense.

Ao coração do Pastor ninguém deve ser mais caro do que os seus auxiliares imediatos, os seus irmãos no sacerdócio, diocesanos ou religiosos, unidos ao Bispo « como as cordas à lira ». (6)

Diversas as funções atribuídas aos sacerdotes, de modo orgânico, na diocese. Uns exercem mais o ministério, outros se ocupam mais do magistério, outros ainda auxiliam na administração. Há também os que se dedicam exclusivamente à manutenção e formação dos futuros clérigos. Ainda que não pareçam apostólicas algumas dessas tarefas, todas elas estão coordenadas em razão de um fim sobrenatural, atendendo direta ou indiretamente ao ministério das almas. Há diversidade de operações, diversidade de carismas, diversidade de funções; mas é um mesmo Espírito, um mesmo Senhor, um mesmo Deus que em todos opera (7). « Foi Ele também que fez a uns apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a ou-

(6) — Santo Inácio de Antioquia.

(7) — I Coríntios, XII, 4-6

tros pastores e doutores em vista do aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo.» (8)

Sejam quais forem as qualidades de cada um, a vocação, a origem, a escola espiritual, a nacionalidade, o encargo, necessário se faz que todos os sacerdotes da diocese ou que cooperam com a diocese, formem aquêle presbitério descrito pelo já citado Santo Inácio de Antioquia «Eles constituem um senado, uma assembleia; cercam o bispo no santuário; formam uma corôa espiritual; colaboram com êle na celebração da Eucaristia, e os fiéis lhes devem ser submissos como a seu bispo» (9)

Sabemos que — apesar de novas fundações de casas religiosas conseguidas pela operosidade de nossos antecessores — bem diminuto ainda é o número de sacerdotes, em face das necessidades espirituais do Bispado, multiplicadas de muito pelos problemas próprios do vale amazônico, sobretudo pela imensidade do território e dispersão dos núcleos populacionais.

Daí decorre mais uma imperiosa necessidade: a de unir todo o Clero os seus esforços, num mesmo plano de ação, sob a orientação da autoridade diocesana, evitando o desperdício inútil de energias, colimando o mesmo escôpo: restaurar a Amazônia em Cristo, fazer resplandescer a luz da Verdade em todos os rincões de nossa vastíssima Diocese.

Longe, muito longe de nós, as divergências, as incompreensões, as contendas. Os órgãos do Corpo Místico de Cristo não se podem dilacerar entre si. Conjuguemos todos os nossos esforços, irmãos muito amados no Sacerdócio, para que acima das preferências e das mentalidades, das opiniões e das teorias, paire sempre o espí-

(8) — Efésios, IV, 11-13

(9) — G. Bardy, a. c., t. 53, p. (19)

rito unificador do Amor cristão, da adesão à Igreja, de obediência ao Santo Padre «professando a mesma Fé obedecendo à mesma lei, participando do mesmo sacrificio com uma só inteligência e uma só vontade». (10)

Queremos encontrar em cada sacerdote um amigo e um colaborador, pois o nosso coração paternal estará sempre de ataláia para compreender os que sofrem e auxiliar os que se depauperam na vinha do Senhor.

Colhemos o ensejo para saudar todos esses irmãos, vinculados no Sacerdócio de Cristo, quer sejam os agueridos guardas avançados do Clero Diocesano, quer sejam os exércitos compactos das beneméritas Ordens e Congregações Religiosas.

Envolvemos nesta saudação o venerando Monsenhor Manuel Monteiro da Silva, Vigário Capitular, os Consultores Diocesanos, os demais sacerdotes seculares e as diversas comunidades religiosas: Agostinianos Recoletos, Missionários Capuchinhos, Redentoristas, Padres do Espírito Santo, Salesianos e Missionários do Instituto Pontificio de Milão, que tanto têm trabalhado na cura das almas e na formação da juventude.

Aos Seminaristas

Nem podemos deixar de incluir nesta saudação nossos queridos filhos — os seminaristas — promessa risonda no futuro da Diocese. Para eles irão as primícias de nossas atenções. Poucos, muito embora, devem ser bem selecionados e revelar desde cedo as características indispensáveis a um bom sacerdote. De maneira alguma poderemos supor que qualquer deles não coloque mui alta a

(10) — Encíclica «Mediador Dei» — Introdução.

meta de suas aspirações.

A vida sacerdotal não comporta mediocridades. Se Pio XI dizia que em nosso século não é lícito a ninguém ser mediocre, tais palavras quadram à maravilha para o meio eclesiástico. O sacerdote não pode ser mediocre. Tem que ser, deve ser um expoente, já não dizemos na ciência, mas em todos os valores humanos, nas virtudes naturais, fundamento das virtudes sobrenaturais. (11)

Não desejamos acolher em nos: o Seminário aquêles que, receiosos de enveredar por um estado mais perfeito, julgam que, como sacerdotes seculares, poderão ficar a meio termo, entre o mundo e a Igreja.

Muito louvável, por isso, consideramos a resolução da I Semana de Reitores de Seminário, em que tivemos a felicidade de tomar parte: «Convém lembrar que os egressos de uma Ordem ou Congregação religiosa não servem para o seminário diocesano.» [12]

O epíteto de *clero secular* justifica, por vezes, a confusão. Muito de intenção, temos preferido nesta singela Carta Pastoral o termo *diocesano* em vez de *secular*, como faz o padre dr. Gustavo Thils, professor no Seminário de Malines, em suas obras notáveis.

«Certamente ninguém esqueceu o *non rogo ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos a malo*. (13) Nós estamos no mundo, nêle devemos estar e nêle temos que ficar. Mas, nós não somos do mundo: *De mundo non sunt, sicut et ego non sum de mundo*. (14) Não somos mundanos. O termo *secular* o parece insinuar. Esta deplorável aproximação prejudica primeiramente aos padres, que sua

(12) — Resoluções da I Semana de Reitores de Seminário, Janeiro 1948.

(13) — João, XVII,15.

(14) — João, XVII,16.

(11) — Cf. José Sellmaier, «El Sacerdote en el Mundo» Ed. Pobbt, 1946



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**